



AS FORMAS DA MEMÓRIA EM PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria do Carmo da Silva Couto (FAESC)¹

RESUMO

A proposta que ora apresentamos integra a pesquisa em andamento, do Grupo de Estudos Literários Anamneses, intitulada “Memória como herança da negritude nas obras de Conceição Evaristo”, cujos questionamentos centrais objetivam perceber as formas da memória, bem como as suas potencialidades para destacar as contribuições da cultura negra na formação dos elementos culturais brasileiros. Nesse sentido, como forma de responder a tais questionamentos, procuramos analisar a trajetória e as obras da escritora, centrando o foco, neste trabalho, em “Ponciá Vicêncio” (2003), a fim de evidenciar, por meio dessa obra, as relações da personagem com as narrativas de sua representação e de sua autorrepresentação. Desse modo, questões como tomada de consciência acerca de sua herança identitária, bem como a relação entre as temporalidades serão observadas. Atrelar-se-á, ainda, no âmbito do trabalho, a relevância da escrita memorialística, no conjunto da obra de Conceição Evaristo, destacando o conceito, por ela desenvolvido, de escrevivência (2008), como uma escritura atrelada à formação do ser, permeada por possibilidades de revisionamentos do que se diz sobre o negro, inclusive na reivindicação do direito à produção literária como uma necessidade de se dizer de si, como uma necessidade do direito à fala. Em suas obras, de forma latente, são observadas as representações de personas excluídas, daqueles que, de alguma forma, são socialmente invisibilizados e privados de seu plano da ficção, aqueles que, com recorrência, a estrutura social tenta recalcar.

Palavras-chave: Ponciá Vicêncio. Memória. Representação. Autorrepresentação. Herança.

INTRODUÇÃO

Maria Conceição Evaristo de Brito nasceu no ano de 1946, em uma favela na cidade de Belo Horizonte. Filha negra de família pobre, passou por muitas dificuldades, sua mãe era lavadeira, costumava escrever cotidianamente em um diário tudo que ela achava relevante, Conceição afirma ter crescido rodeada de memórias familiares, contadas de geração em geração pelos mais velhos membros de sua família. Apesar de sua infância dura e pobre, ela nunca desistiu, com apenas 8 anos começou a trabalhar, ela também trabalhava de lavadeira, isso

¹ Graduanda em Letras Português-Espanhol pela Faculdade da Escada, ex-integrante do Grupo de Estudos Literários Anamneses (NELL/UNIVISA). E-mail: profmariacouto@gmail.com



retardou sua formação, sempre persistindo se formou em letras, tornou-se mestra pela PUC-RIO e doutorou-se em Literatura Comparada pela UFF.

*Recordar é preciso
O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
A memória bravia lança o leme:
Recordar é preciso.
O movimento vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto.
Sou eternamente náufraga,
mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.
Uma paixão profunda é a bóia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas.*

(Conceição Evaristo)

Começou colaborando para os históricos “cadernos negros”, publicação do Grupo Quilombhoje, de São Paulo, onde escrevia contos e poesias, porém, a memória se fazia presente em tudo, sendo um fio condutor para suas obras. Toda obra escrita pela autora, retrata alguma lembrança sua, seja de histórias contadas pela família, seja de algum preconceito sofrido por ela ou que ela tenha presenciado ou tomado conhecimento e até herança racial.

Seus contos são sempre cheios de sentimentos, tristezas, lembranças, relacionadas a cor da sua pele, a voz emudecida de suas ancestrais femininas nas senzalas da mente, dos preconceitos sofridos, das lágrimas silenciosas que molham os rostos e enchem seus contos de sentimentos. Escrever para Conceição é liberdade, é vitória, desejo, na escrita ela retrata os fatos emudecidos que as negras sofriam e sofrem, a violência, o legado escravo deixado por seus antepassados, a pobreza extrema, os obstáculos que o negro encontra no caminho de sua jornada, é através da escrita que ela ganha força para driblar as dificuldades impostas muitas vezes pela sociedade que ainda é racista e preconceituosa.

Quando ela escreve, sua voz, que por muito tempo foi silenciada, ganha vida, fôlego, ganha autonomia. Suas obras são um misto de dor, sofrimento, violência, abuso e fé, acima de tudo fé. Suas obras buscam dar voz aos “excluídos”, negros, pobres e mulheres, em especial as mulheres negras e pobres, em todas as suas obras a memória e herança escrava se faz presente, mostrando o que muitos fazem questão de esquecer, nós somos conhecedores do poder que um livro tem, eles abrem nossos olhos, nos tiram da ignorância.

O presente artigo intitulado “Memória como herança da negritude nas obras de Conceição Evaristo”, busca responder a questionamentos sobre as diferentes formas de memórias que se fazem presente em suas obras, buscamos nele delimitar as formas de memórias trabalhadas por ela e a contribuição da cultura negra na formação dos elementos culturais brasileiros.

Recentemente ouvi da própria Conceição Evaristo no Festival Nacional de Poesia de Lisboa, que a memória negra que impera nos livros literários em sua maioria são as dos escravos que trabalhavam para enriquecer ainda mais os senhores donos de terras produtivas, e das negras mães de leite dos filhos dos brancos, onde muitas vezes deixava de amamentar seus



próprios filhos para dar de mamar aos filhos dos seus senhores, e foi então que a autora que estava sendo homenageada relatou que não queria que os negros fossem lembrados apenas por isso, que os negros eram mais que isso, que eles tinham voz e tinham que ser ouvidos, foi a partir daí que ela resolveu dar voz a essas lembranças esquecidas propositalmente desse povo sofrido, humilhado, excluído. Os negros tiveram e continuam tendo um papel muito importante para nosso povo, sabemos que eles foram trazidos contra vontade para serem escravizados no Brasil, mas eles nos ensinaram muito, dividiram conosco sua cultura, suas comidas que até hoje encontram-se em nossas mesas, sua medicina natural, essa que aprendemos tanto com os negros como com os índios, e tantos outros ensinamentos, nossa história é muito rica, e boa parte dessa riqueza se dá graças aos negros que lutaram para assegurar seus direitos, negros esses que foram esquecidos.

Temos um exemplo clássico chamado Zumbi dos Palmares, esse por sua vez, tão importante para nossa história, porém, apesar de ter sido assassinado em 20 de novembro de 1965, sua bravura só foi reconhecida em 2003. Sua esposa, mulher valente que lutou ao seu lado pela liberdade dos escravos, dos povos indígenas e demais refugiados Dandara Palmares, praticamente esquecida na história, acredito que muitos nem saibam de sua existência, assim como esses existem vários outros, posso citar Milton Santos, Machado de Assis, Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus, Abdias do nascimento, Teodoro Sampaio, e tantos outros, desses citados destaco três, Machado e Assis, Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus, nomes que sempre ouvimos nas escolas, porém, nunca mencionam que são negros, nunca é mencionado suas descendências, foram e são pessoas muito importantes para nossa história, nos trazem um legado, são de uma força inimaginável, de uma esperança que poucos brancos tem, eles os negros nunca desistiram de sua liberdade, de sua igualdade.

Tendo dito isso volto para a obra de Ponciá Vicêncio, na obra a autora deixa claro o fato dos negros não terem um lugar no mundo, da violência que sofrem, do direito a educação que não tinham, e que hoje em dia não é tão diferente, dos preconceitos sofridos, das histórias deixadas de geração em geração serem na maioria das vezes as mesmas, que falam que os negros nascem para ser escravos dos brancos, que sangue de negro é diferente de sangue de branco, que os negros são inferiores, onde na realidade os negros tem os mesmos direitos que os brancos, e apesar de ter leis que assegurem esses direitos, a justiça ainda é falha, conheci com um médico negro, filho de professora que me disse que na turma dele, ele era o único negro, e que ele sofreu muito preconceito por causa da sua cor. O que vemos, é que mesmo o negro conseguindo vencer obstáculos, se formar, ter um bom trabalho, as dificuldades encontradas no caminho deles serão sempre maiores que as de um branco. Em suas obras Conceição tenta trazer a importância do negro na sociedade, para que dessa forma possa ganhar mais autonomia, mais respeito, para que seja tratado de forma igual. Com sua escrivência (escrita de sua vivência), a autora tenta de alguma forma nos conscientizar, mostrar de forma clara as dificuldades de ser negro em um mundo racista, a dificuldade de ser mulher em um mundo machista, e não falo apenas em mulher negra, falo de modo geral, ela usa seu dom de escrever para que possamos observar o descaso com a população negra, população essa que foi obrigada a gerar renda para o país, com sua mão de obra escrava tornou o Brasil um dos maiores exportadores de cana de açúcar, feito esse que é na sua maioria esquecido, ela tenta mostrar as dificuldades que o negro pobre enfrenta quando decide melhorar de vida, ter um pouco mais de dignidade.

Em um trecho de seu livro, a autora deixa claro a lembrança herdada pelos negros:



Pajem do sinhô-moço, escravo do sinhô-moço, tudo do sinhô-moço, nada do sinhô-moço. Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se negro aprendia os sinais, as letras de branco e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço se certificou que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber de branco? O pai de Ponciá Vicêncio, em matéria de livros e letras, nunca foi além daquele saber.

(Ponciá Vicêncio, p. 15).

Nesse trecho podemos observar a inteligência que os negros têm, porém, mostra também a falta de oportunidade que eles tinham e tem até hoje, Conceição luta contra essa memória, ela não aceita que esse seja o único legado deixado pelos seus descendentes, não é essa a memória que ela quer ter, assim como ela, os demais negros não merecem ter essa memória, eles são tão importantes quanto qualquer branco para nossa história, cultura, religião. Ponciá Vicêncio é escrito contando todas essas memórias tristes e sofridas, que com o decorrer de sua história acabam a consumindo, acaba levando a personagem principal a parar de sonhar, a acreditar que seu destino é realmente ser escrava, pobre, sofrer, ser humilhada, ela tinha saído de sua terra para tentar uma vida melhor, ela tinha esperanças, todas elas foram destroçadas pela crueldade da vida, pelo preconceito sofrido, pela violência contra a mulher.

Ponciá Vicêncio deitou-se na cama imunda ao lado do homem e de barriga para cima ficou com o olhar encontrando o nada. Veio-lhe a imagem de porcos no chiqueiro que comem e dormem para serem sacrificados um dia. Seria isto vida, meu Deus? Os dias passavam, estava cansada, fraca para viver, mas coragem para morrer, também não tinha ainda. O homem gostava de dizer que ela era pancada da idéia. Seria? Seria! Às vezes, se sentia, mesmo, como se a sua cabeça fosse um grande vazio, repleto de nada e de nada.

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte das colheitas ser entregue aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se a todo o dia. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. E avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia, pois tão cedo a máquina não voltaria ao povoado. Nem tempo de se despedir do irmão teve. E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava-se se valera a pena ter deixado a sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia.

(Ponciá Vicêncio, p. 32-33).

Ponciá tomou a decisão de partir por impulso, com medo de se arrepender caso parasse para estudar sua partida, assim como Ponciá muitos de nós temos o sonho de ter uma vida melhor, ter mais oportunidades, ajudar nossa família, e assim como ela, nem sempre



conseguimos, ela foi muito corajosa, ela realmente queria um destino diferente, diferente das memórias que ela tinha, aquelas trazidas de geração em geração, infelizmente ela não conseguiu, desde muito nova ela não conseguia se enxergar, por mais que tentasse, não conseguia:

(...) Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir para a beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o seu próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí; nenhum lhe pertencia também. Ela inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha então vontade de choros e risos (...). Uma noite ela passou todo o tempo diante do espelho chamando por ela mesma. Chamava, chamava e não respondia. (...). Pediu ao homem que não a chamasse mais de Ponciá Vicêncio. Ele espantado perguntou-lhe como a chamaria então. Olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que lhe poderia chamar de nada. [Ele] Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. (Ponciá Vicêncio, p. 18 e 19).

Assim como ela não se encontrava, quantas outras Ponciás vivem assim, sem se achar? Quantas outras ainda viveram assim, sem presente, passado ou futuro? Conceição luta contra isso, luta pelos direitos dessas mulheres esquecidas, tratadas com descaso pela nossa sociedade, ela luta com suas palavras, com seu conhecimento que foi adquirido com tanta dificuldade, e que hoje apesar de sua cor, sua história, sua memória, ganhou a admiração e o respeito de muitos, infelizmente Ponciá não conseguiu esse respeito, até teve algumas de suas obras de barros expostas em um museu com seu nome e o nome de sua mãe, mas respeito e admiração não teve, ela continuava sendo ninguém, continuava não tendo nada, seu irmão, também negro e pobre, teve um pouco mais de sorte que ela, conseguiu ser policial respeitado, infelizmente durou pouco tempo, pois teve que tomar conta de sua mãe já de idade e da pobre Ponciá, que infelizmente, devido ao sofrimento da vida, devido ao legado deixado por seu avô, acaba padecendo de consciência, tendo que ser amparada por seu irmão. Conceição deixa claro que a pobre menina negra tinha uma “sina”, apesar de todas as tragédias sofridas, o seu destino já estava escrito, embora ela tenha tentado fugir desse “destino”, ir para a cidade grande, trabalhar, comprar seu “barraco”, casar, tentar trazer sua família para perto dela, nada disso fez seu destino mudar, ela teve o mesmo triste fim de seu avô, esse era o seu legado, embora a ideia principal do livro não seja o legado, esse foi marcante na história de Ponciá, apesar desse suposto “legado” deixado por seu avô, acredito que se ela tivesse uma oportunidade de mudar de vida, de não ser apenas mais uma menina preta e pobre que se tornou uma empregada doméstica, desvalorizada e sem perspectiva de uma vida melhor, talvez o futuro dela tivesse sido diferente.

METODOLOGIA



Esta pesquisa é de natureza bibliográfica, livros, artigos científicos, dissertações, teses, entrevistas da autora do livro serão usadas como base para compreender e explicar as memórias Citadas por Conceição, explicando a característica de Escrevivência desenvolvida por ela. Analisando o livro e utilizando recortes dele pudemos exemplificar a necessidade que sua escrita tem em transparecer a verdade, a realidade de muitos negros que foi esquecida, omitida por muitos autores.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa já que a partir da obra pudemos analisar questões da atualidade como questões sociais de gênero e racial, violência contra a mulher, numa sociedade que defende a igualdade de gênero e racial, porém não pratica.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico baseia-se na obra de Conceição Evaristo (2003), em sua entrevista no Festival Nacional de Literatura de Lisboa/Portugal e em seu depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais em Maio de 2009, na tese de Leticia da Paixão Oliveira (UEFS/2018), no artigo da Mestra Aline Alves Arruda (UFMG/2008).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos principais desafios encontrados na obra de Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo é a questão da identidade, a protagonista do livro vivia em um mundo vazio, um mundo sem esperança, um mundo no qual ela teria o mesmo destino de seus antepassados, pois Ponciá não tinha visto nada diferente na vida de sua família, era como uma “sina” passada de pai para filho, como uma herança, meu avô era escravo, logo meu pai seria escravo e em seguida meu irmão e assim sucessivamente.

Essa era a identidade que ela tinha, a identidade escrava, pobre, miserável, essa identidade está ligada diretamente a memória, outro ponto abordado por Conceição em sua obra, uma vez que a identidade se dá a partir das lembranças que temos de nós, de nossa família, de nosso



legado, Ponciá não queria essa memória, não queria esse legado para si, não queria ser mais uma invisibilizada por todos, esquecida.

Quando mais nova, sonhara até outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Panda, malenga, Quietí, nenhum lhe pertencia também [...] A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha, então, vontade de choros e risos. (EVARISTO, 2003, p. 16).

Ela buscou por uma identidade que não lhe machucasse, não lhe causasse tanta dor, foi embora de sua cidade para tentar a vida na cidade grande mas de nada adiantou, assim como Ponciá tantas outras pessoas fazem isso em busca de uma nova identidade, algo que seja mais agradável, que não machuque, que traga esperança. Por mais que Vicêncio fugisse de sua identidade, por mais que buscasse ela só conseguia lembrar do avô e o quão parecidos eles eram.

A obra trata do movimento “ir e vir”, uma relação de espaço e tempo que é de extrema importância para a memória na construção da identidade, mesmo tentando fugir de suas memórias, elas sempre voltam para “assombrar” Ponciá, mesmo ela achando não ter identidade não ser ninguém, não se encontrar, é em seu passado que estão as melhores e piores lembranças, é lá que ela encontra sua identidade, seu legado.

Dentro de toda a obra Conceição deixa claro a luta do negro pela sobrevivência, as lutas diárias por uma vida melhor, a desvalorização, o sofrimento, a violência contra a mulher, as dificuldades de um imigrante, todos os personagens do livro contam um pouco da história dos negros no nosso país, contam as dificuldades, superações, sofrimentos, as lutas diárias, as batalhas perdidas e ganhas, contam um pouco da realidade da nossa sociedade.

Conceição traz em suas obras a realidade dos negros no Brasil, por sua origem humilde e suas dificuldades, também tendo conhecimento das dificuldades dos negros no Brasil, ela aborda temas como racismo, desigualdade social, heranças negras de forma a viabilizar os direitos dos negros e sua trajetória.

A meu ver, em se tratando de pensar o sujeito autoral marcado por experiências de exclusão, não creio ser possível à negativa de que existe uma articulação entre o fazer literário e o contexto social em que



se esse sujeito autoral está inserido. Acredito que determinadas experiências forjam escritas ora mais, ora menos contaminadas pela condição biográfica do autor e do drama existencial enfrentado por ele. E quando esta escrita nega totalmente as experiências de exclusão vividas pelo autor, ou pelo grupo ao qual originalmente ele pertence, há que se atentar para o silenciamento, para o recalcado no texto.
(EVARISTO, 2011, p. 132)

A obra em questão faz refletir sobre vários temas atuais, traz a reflexão de que vivemos em uma sociedade que prega direitos iguais, inclusão, igualdade racial, mas que na prática não funciona como deveria, nossa sociedade é extremamente preconceituosa, machista e racista, e negros e mulher tem que sobreviver diariamente a tudo isso, assim como no passado os negros tinham que sobreviver, no presente nada mudou e Conceição nos traz essa reflexão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada nesse artigo sobre a obra de Ponciá Vicêncio nos permitiram analisar a escrita da autora em questão Conceição Evaristo, através de seu romance pudemos observar as questões relevantes sobre o negro e seu papel na literatura, na sociedade, na história do nosso país.

Para a realização desse trabalho tivemos que ler a obra Ponciá Vicêncio e analisa-la, também tivemos que ler artigos que falassem do mesmo assunto, analisamos a história da autora e seu estilo, pudemos observar marcas de seu estilo em se tratando da memória sempre presente em suas obras e em suas falas, observamos no romance questões culturais e como era a sociedade brasileira no passado.

Quando uma mulher, negra e de origem humilde escreve sobre personagens negros como a própria Ponciá e detalha sua triste vida de forma tão enfática, ela traz visibilidade. Sabemos que os negros são silenciados em sua maioria, autores negros e suas obras literárias sempre foram pouco valorizados e divulgados, mas quem melhor que um negro para retratar assuntos tão importantes que em muitas vezes são vivenciados por eles mesmos, assuntos como a criminalização ligada a negros moradores de periferia, o preconceito racial, inferiorização, entre outras.

Quando Conceição Evaristo detalha histórias não vividas por ela mas que em algum momento de fato aconteceu como o fato do sinhô moço urinar na boca do pai de Ponciá, ou as



agressões sofridas pelo marido, os sonhos de seu irmão que foram interrompidos, e tantas outras histórias em um único livro, a autora cria um emponderamento feminino, visibilidade, conscientização, ela leva o autor a refletir sobre a vida do negro e suas dificuldades.

Com sua técnica denominada “Escrevivência”, Conceição transcreve da única maneira que lhe é possível a sua luta contra todo o preconceito e violência sofrida pelos negros, e essa transcrição se dá através da escrita, é dessa maneira que ela desperta o interesse de muitos lhes mostrando a melhor arma de todas, o conhecimento, suas obras destacam a importância dos negros e das mulheres e abre espaço no campo da escrita para as mulheres.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte, Ed Mazza, 2003.

OLIVEIRA, Leticia. **ESCREVIVÊNCI(AS) EM PONCIÁ VICÊNCIO DE CONCEIÇÃO EVARISTO**. Feira de Santana, 2018.

LITERAFRO. **O Portal da Literatura Afro-Brasileira. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais**. Belo Horizonte, Maio de 2009. Disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>, Acesso em: 05 agosto. 2022.